

A construção de subjetividades contemporâneas na série *Desnorteadas*¹

Mariana Castro DIAS²

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

Uma obra de ficção exige um intenso trabalho de pesquisa para ser concebida. É desse trabalho de embasamento teórico para a construção de camadas narrativas, em um produto midiático, que trata esse artigo. Mais precisamente do desenvolvimento narrativo da série transmídia *Desnorteadas*, que se apoiou em alguns autores do campo da Comunicação para criar camadas críticas em uma narrativa leve e de entretenimento. A autora do artigo faz parte do projeto como roteirista, produtora e atriz. A base teórica escolhida se refere a problemáticas contemporâneas, como o culto à performance e à produtividade e a demanda por uma visibilidade constante. O teor crítico da bibliografia proporcionou o levantamento de reflexões sobre o mundo em que vivemos e contribuiu para lapidar as características das personagens e aprofundar seus conflitos.

PALAVRAS-CHAVE: identidade social; subjetividades contemporâneas; cultura midiática; roteiro.

Introdução

Este artigo propõe uma inversão: em lugar da teoria estar a serviço da discussão empírica sobre um produto midiático, iremos usar a teoria para constituir uma produção empírica.

A base teórica utilizada se refere a questões contemporâneas, tais como o imperativo de visibilidade e a celebritização da sociedade; e o culto a performance e seus impactos no sono e na psique humana. O estudo contribuiu para que fossem levantadas importantes questões de reflexão no roteiro da série *Desnorteadas*, da qual faço parte também como autora.

Desnorteadas é um projeto transmídia³ que tem como uma de suas plataformas a série *Desnorteadas*, cuja primeira temporada será exibida em uma canal de *streaming*. A

¹ Trabalho apresentado no GP Ficção Seriada, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Curso de Comunicação Social da PUC-Rio, e-mail: mari.dias@gmail.com.

série, no momento de produção desse texto, encontrava-se em fase de conclusão de roteiro, não estando ainda em veiculação, mas o conteúdo para as demais plataformas dos personagens já está sendo produzido, de maneira frequente, desde 2016. As personagens da série já possuem um canal no *youtube*, onde apresentam o programa *Manual do Relacionamento*⁴, com debates sobre temas ligados a todos os tipos de relacionamento; um *instagram* compartilhado – @desnorteadas_dna – em que postam sobre variedades, suas vidas e divulgam o lançamento dos vídeos do canal; além de todas as personagens principais terem perfis no *facebook*.

A ideia do projeto surgiu no fim de 2015, em uma conversa com um grupo de amigas atrizes sobre a vontade de fazer uma série que abordasse temas que vivenciávamos em nosso cotidiano, como a dificuldade de se relacionar em um mundo de relacionamentos descartáveis, de nomear a própria profissão e de saber como planejar uma carreira. Junto a isso, pensamos na ansiedade gerada nas redes sociais por parecer que os outros sabem muito bem o que estão fazendo, enquanto você está perdida. Sentíamos falta de ver algumas situações rotineiras representadas ou problematizadas nas telas.

Assim foi surgindo o projeto *Desnorteadas* e, ao longo do tempo, fomos construindo as plataformas das personagens e desenvolvendo suas personalidades, mas depender de terceiros para a produção do roteiro da série se tornou nosso grande calcanhar de Aquiles. Para não deixar o projeto morrer, resolvi estudar roteiro e defini o conteúdo do que seria abordado na primeira temporada, parte dele inspirado por discussões levantadas na disciplina *Identidade Social / cultura midiática - A construção do indivíduo moderno e subjetividades contemporâneas na cultura midiática*, ministrada pela Prof. Dra. Tatiana Siciliano, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. E, recentemente, outros roteiristas se ofereceram para colaborar.

Será apresentado primeiramente o contexto da série, o que ela vai abordar e quem são as personagens principais e, posteriormente, cada tópico será explorado a partir da bibliografia e serão apresentadas suas aplicações na série.

Sobre a série *Desnorteadas*

³ Uma narrativa transmídia se desenvolve em mais de uma plataforma e os conteúdos presentes em cada mídia dialogam uns com os outros segundo uma lógica de expansão de universo narrativo, de complementariedade.

⁴ www.youtube.com/desnorteadas (disponível desde outubro de 2016)

A série conta a história de quatro amigas, de vinte e tantos anos, que possuem um canal de *youtube*, e buscam seu lugar em um mundo instável e repleto de relacionamentos transitórios. Apenas Tori vê o canal de *youtube* como carreira. Para Drica e Brenda, essa atividade é um lazer que as une e com a qual vão cada vez mais tomando gosto. Dani, no entanto, cansada de um mundo de tanta exposição começa a ter dúvidas sobre esse tipo de visibilidade. Esse conflito será capaz de abalar o grupo que se autodenomina Desnorteadas? Sua maior bússola é a amizade. Juntas, se sentem mais fortes para enfrentar os desafios pessoais e profissionais do cotidiano. Ao redor delas, outras personagens também tentam se encontrar. Elas não são as únicas desnorteadas, há desnorteadas de todas as idades e tampouco o sexo masculino escapa a questões similares.

A primeira temporada de 6 episódios (aprox. 15 min) servirá como uma temporada piloto, a ser veiculada na *internet*, no canal de *youtube* Desnorteadas.

Como diz a famosa frase de Lewis Carroll, “Pra quem não sabe aonde quer chegar, qualquer caminho serve” e esse é o tema do episódio que abre a temporada. As personagens não sabem ao certo quem são e onde querem chegar com o canal. Uma *coach*, Lucy Vasconcellos, é contratada para ajudá-las nessa empreitada e para instruí-las no trabalho com suas redes digitais, a fim de alcançarem o sucesso que buscam. O recurso de usar a *coach* serve para apresentar as personagens principais para o público, que, assim como Lucy, não as conhece, pois nem todos já estarão acompanhando o projeto nas demais plataformas.

No entanto, ao final do episódio, descobrimos que nem a própria Lucy sabe bem o que está fazendo, pois apesar de saber ser *coach*, nunca teve sucesso ela própria e não entende nada de redes sociais. Ela se apresentou dessa forma porque havia feito uma sociedade com uma conhecida sua, que entendia tudo de redes sociais, mas esta a deixou na mão após o fechamento do contrato com as Desnorteadas e com mais outro cliente. Precisando do dinheiro para manter sua família, e achando que talvez pudesse aprender todo o necessário para fazer um negócio crescer nas redes sociais, ela se mantém no projeto, não revelando o problema. Ela estava tendo dificuldades em conseguir trabalho, em um mundo para o qual não se preparou, e tenta correr atrás do atraso. Ela também é uma Desnorteadada.

O grande conflito da temporada, que coloca em xeque o grupo das Desnorteadas, será a dúvida de Dani, se deve continuar a se expor na rede, e de Drica, se deve seguir

no canal, ainda que este não contribua para suas metas de vida e atrapalhe sua produtividade, tomando parte do seu tempo.

A respeito do universo da série, as personagens são moradoras da zona-sul carioca. Cresceram em uma classe social em que seus pais puderam lhe dar tudo, inclusive a melhor educação e acesso às mais diversas atividades complementares, o que deveria garantir que fossem bem sucedidas. Mas elas se encontram perdidas em suas carreiras, sem saber como atuar para conquistar o que o mundo espera delas. Vivem relacionamentos transitórios, mas têm vontade de conhecer sua cara metade, príncipe encantado... ou alguém que simplesmente dê sentido para a palavra amor. Como grande parte de sua geração, se sentem especiais e querem que o mundo perceba seu valor, mas não sabem como. Ao mesmo tempo, são bombardeadas com imagens no *instagram* de quem parece estar em situação muito melhor que elas. Por outro lado, o *facebook* é palco de brigas, discussões políticas e postagens apocalípticas. Somam-se a isso notícias de atentados, falta de seguridade social e violência urbana. É preciso produzir conteúdo todo o tempo, postar para existir, ganhar *likes* para se sentir aceita e compartilhar. Porque viver sem compartilhar é como não viver. E elas querem viver, sendo, é claro, felizes.

Joel Birman faz uma tradução do “Penso, logo existe.” de Descartes, no século XVII, para o “Vejo e sou visto, logo existo” nos dias de hoje. O autor defende que o código de existência antigamente estava vinculado à ideia do reconhecimento de alguém por alguma obra concreta que produzisse. Na atualidade, o registro de presença e visibilidade é fundamental para a existência, ou seja, o reconhecimento simbólico se dá por uma consciência ontológica do sujeito. Longe do olhar, o ser estaria então condenado à inexistência ou insignificância. (BIRMAN, 2013)

Sendo assim, a produção de conteúdo para as redes se configura não só como uma vontade das personagens, mas como a forma de existir no mundo contemporâneo.

Para tornar a produção de vídeos para *youtube* uma tarefa rentável, com os vídeos sendo exibidos gratuitamente na rede, o caminho é ter uma boa visibilidade e conseguir se celebrificar.

Celebrificação é o processo pelo qual pessoas comuns e figuras públicas se convertem em celebridades. Além do *status* de celebridade conferir maior voz para quem o alcança, ele também envolve a comoditização. Uma celebridade se tornam uma *commoditie* e também ajudam a vender outras *commodities*, cujas imagens possam ser

associadas à sua. Sendo assim, com as Desnorteadas se convertendo em celebridades, marcas podem patrocinar o canal em troca da visibilidade que estas lhes poderão conferir. No fim, de uma forma ou de outra, esse retorno financeiro se entrelaça ao potencial de visibilidade das *youtubers* e de seu canal. (DRIESSENS, 2015)

As personagens principais

Drica (virginiana): Preocupa-se em planejar a vida e cumprir cronogramas. É a que tem mais dificuldade em se adaptar a mudanças de planos repentinas. Advogada, trabalha no escritório da família (mas estuda clandestinamente para concurso público, a fim de provar a todos, e a ela mesma, que é capaz de conseguir algo por conta própria). Seu planejamento exagerado acaba atrapalhando sua vida pessoal. Usa álcool gel e tem alguns TOCs. Mora com a irmã e os pais. Está chateada porque, em sua cabeça, não faz sentido sua irmã mais nova estar para se casar antes dela. Gosta de malhar (melhora a performance do corpo e exige metas) e de *rock*.

Tori (geminiana): Idealizadora do canal das personagens, Manual do Relacionamento, que foi criado tendo como objetivo melhorar relacionamentos. Seus pais se separaram quando ela era pequena e ela acha que se virou bem com isso. Então se tornou conselheira dos amigos que, depois dela, passaram por essa situação. Se sentia de certo modo importante. No entanto, o trauma do rompimento de seu último relacionamento sério, somado aos inúmeros relacionamentos que o pai teve após o divórcio, a deixaram um pouco receosa de se entregar ao amor, por ver o risco de, depois de tudo, ser possível nunca mais ver a pessoa de quem tanto se gostou. Atua como uma curadora ferida, que usa o trabalho no canal para ajudar os outros, enquanto não pode ajudar a si própria, mas também vê no canal a possibilidade de ter reconhecimento. Acredita que essa pode ser sua grande oportunidade de carreira. Faz várias coisas ao mesmo tempo, tentando abraçar o mundo com as pernas, e é bastante desastrada. Trabalha também como pesquisadora de tendências. Hiperconectada, destrava excessivamente a tela do seu telefone, vê as atualizações e é ansiosa para o canal crescer⁵. Curte *pop* e músicas da moda.

⁵ Tori sofre de FOMO (*fear of missing out*), síndrome citada pela primeira vez em 2000 por Dan Herman e definido anos depois por Andrew Przybylski e Patrick McGinnis como o medo de que outras pessoas estejam tendo experiências boas das quais você está de fora. Pessoas com a síndrome rolam muitas vezes a *timeline* de suas redes sociais, checam constantemente atualizações e preocupam-se com suas próximas postagens.

Brenda (pisciana): Para ela o namorado da vez é sempre “o cara”. Tenta relevar seus defeitos, acreditando que assim a relação vai dar certo, e molda ao máximo a sua personalidade à dele. Tenta agradar a todos que gosta, incluindo as amigas. Tem dificuldade em dizer não. É estudante de moda, mas nem tem certeza se é isso que quer para a vida. Empurra com a barriga a faculdade enquanto não sabe. Seus pais a sustentam e ela se acomoda com isso. É capaz de ouvir músicas românticas no *repeat*.

Dani (sagitariana): Tem um vazio e vive uma busca constante sobre o que deveria fazer de sua vida. Experimenta muitas coisas, mas também desanima com uma certa facilidade. Já trabalhou em diferentes funções, já fez vários cursos e largou, assim como já teve mais de uma religião. Curte poesia e *jazz*. Nesse momento, começa a se questionar a respeito do sistema em que vivemos e se devemos mesmo ficar nos dedicando às redes sociais, conflito que vai se intensificar no decorrer da temporada. Mas a percepção de que não é tão *roots* como ela gostaria de ser e a vontade de estar com as amigas vai tentá-la a ficar no canal.

Vejamos adiante alguns pontos centrais dos textos, onde a bibliografia usada nesse artigo dialoga com a construção do roteiro e da subjetividade das personagens. Convém destacar que a série aborda também outros pontos não explorados nesse artigo. Aqui iremos atentar para a questão da performance e da produtividade; de seu cansaço subsequente; da necessidade de visibilidade; da dificuldade de invisibilidade; das fronteiras entre público e privado e da diferença entre sinceridade e autenticidade.

Nosso intuito é o de levantar questões, mas não temos a pretensão de fechar conceitos. Até por se tratar de uma série que irá ter seus conflitos ampliados nas temporadas subsequentes.

O culto à performance e à produtividade

Vivemos em um mundo caracterizado pela incerteza e mudança constante. Alain Ehrenberg traça nosso cenário atual como sendo o de um mundo em que não existe mais a crença no processo linear e que o Estado é capaz de sanar os nossos problemas. Em lugar disso, a ação de empreender é eleita como o instrumento para o sucesso. A partir dos anos 80, cada vez mais, a figura do empreendedor é endeusada. Há uma ascensão do individualismo e culto à performance individual. (EHRENBERG, 2010)

Há uma cena em que Tori vai à casa de Drica para entender o porquê dela não ter lhe contado que estava estudando para um concurso público e saber se isso fará com que se afaste do canal. Drica estava escondendo de todo mundo os estudos, pois como não estava se dedicando a eles o quanto achava que devia, imaginava que sua performance não seria a que espera de si. Parte de sua motivação para fazer o concurso é inclusive provar a todos, e a si mesma, que ela tem capacidade de conquistar sozinha seus objetivos. Por trabalhar no escritório de advogados da família, sempre paira a dúvida sobre o mérito de estar lá. Ela é dedicada a tudo o que se propõe a fazer e se organiza ao máximo para ser o mais produtiva possível. Outro motivo que destaca para os estudos é o da estabilidade, mas Tori a contesta sobre esse ponto, por considerar inocente que a amiga ainda acredite ser possível que algo seja estável nos tempos de hoje. Considera que Drica tem, assim como ela, um espírito empreendedor e que este poderia não combinar com um serviço público. Drica considera que sua atitude empreendedora pode ser aplicada em qualquer espaço. Há uma piada ao final de que atitude empreendedora é o nome de uma matéria de faculdade (de fato é), o que demonstra como o empreendedorismo adquiriu tal destaque em nossa sociedade, a esse ponto.

O discurso da performance ultrapassou o domínio dos esportes para entrar no vocabulário do consumo e empresarial. No esporte, mantém-se o senso de performance ligado a competitividade: ser o melhor para vencer; no consumo, o termo se relaciona diretamente à satisfação das necessidades do indivíduo de maneira exemplar; nas empresas, ter uma boa performance e ser produtivo também confere realização pessoal. Termos do jargão esportivo, tais como equipe, meta, resultado, time, superação, desafio e vencer, são frequentemente usados pelas empresas e pelo *marketing*. (EHRENBERG, 2010) Drica fará uso deles, com o intuito de organizar e motivar a todos quando resolver voltar ao canal.

Segundo pesquisa da Fundação Instituto de Administração da USP (FIA/USP), 99% dos jovens considerados *millennials* só se mantêm envolvidos em atividades de que gostam, e 96% deles encaram o trabalho como uma ferramenta de realização pessoal e não uma necessidade ou obrigação.⁶ A maioria das Desnorteadas vê no trabalho um importante campo de realização. Mesmo Dani, que está mais perdida

⁶ Dados disponíveis em matéria do blog Innovare Pesquisa, Geração Y: quem são e o que querem os millennials?, de 18/03/2016. Disponível em: <http://www.innovarepesquisa.com.br/blog/geracao-y-quem-sao-e-o-que-querem-os-millennials/> (último acesso 18/01/2018)

quanto às suas escolhas profissionais, segue buscando encontrar aquilo que pode completá-la. Apenas Brenda dá uma ênfase desproporcional ao campo amoroso frente ao laboral, mas, ainda assim, em algum momento, espera encontrar algo em que o seu valor possa ser reconhecido.

Reconhecimento é algo extremamente importante tanto para Drica quanto para Tori. Elas anseiam por serem o mais produtivas possível, mas enquanto Drica planeja de forma tática sua semana, definindo metas, respeitando horários e inclusive deixando tempo reservado para a academia e para a prática da alimentação saudável (fatores que irão garantir também sua melhor performance corporal), Tori tem uma lista ininterrupta de tarefas, que incluem também atividades sociais e estar atualizada com fluxos excessivos de comunicação, e para realizá-las frequentemente invade o tempo do sono. Ambas assumem para si, cada uma a seu modo, toda a responsabilidade de sucesso de suas carreiras e vinculam esse sucesso diretamente a sua produtividade.

O sono como vilão ou herói da resistência

Tori considera o ato de dormir como uma perda de tempo. Algo que a impede de cumprir seus objetivos. O fato de não cumpri-los muitas vezes também acaba lhe gerando uma ansiedade que, como consequência, lhe traz insônia. A insônia se configura, muitas vezes, como um tempo em que se perde tempo tentando dormir e nem se dorme, nem se produz. Dormir mal acaba, por sua vez, atrapalhando ainda mais sua produtividade e ainda a deixa mais desastrada, ou seja, acaba gerando um ciclo vicioso que prejudica em muito sua performance.

Tori não é a única a querer superar o sono. Grandes laboratórios e governos já investiram muito na tentativa de encontrar uma fórmula para diminuir a necessidade de sono, mas as formas encontradas até hoje vêm sempre acompanhadas de *deficits* cognitivos e de atenção. (CRARY, 2014)

Mas que mundo é esse em que as pessoas não podem nem dormir? Essa é uma questão que se indaga Dani. Ela percebe que há algo errado no mundo, mas não sabe muito bem como solucionar.

Apesar da busca por não precisar dormir por um lado parecer absurda, é comum que seja cogitada em algum momento de excesso de tarefas, sejam elas laborais ou sociais. Dormir menos passa a impressão de se estar aproveitando mais a vida e há quem diga que dormir é para os fracos. Isso porque vivemos em um mundo 24/7. A

infraestrutura global para o trabalho e para o consumo são contínuas. O sono humano se coloca como uma das poucas interrupções de nosso tempo não consensuais para o capitalismo. É um espaço não colonizável e, assim sendo, também pode ser visto como um espaço de resistência ao sistema, onde as necessidades humanas não têm como não estarem acima dos imperativos de produção e consumo. (CRARY, 2014)

Não só o tempo do sono entra em conflito com o sistema 24/7, mas também qualquer tempo suspenso, como o de espera. Se não é possível que as coisas aconteçam de modo instantâneo, Tori preenche o tempo de espera com alguma atividade, nem que seja a de ficar rolando a *timeline* de uma rede social ou colecionando imagens no *pinterest*.

A sociedade se converteu de tal modo em uma sociedade da produtividade que encarar um tempo em estado de ócio é um desafio.

Podemos dizer que o momento do sono é também o momento em que não há como estar *online*. Na verdade seus dispositivos podem até estar, mas não haverá interação humana.

Ainda assim, a permanência *offline* é cada vez mais afetada, mesmo durante o sono. Pesquisas mostram que o número de pessoas que destravam sua tela do telefone no meio da noite, uma ou mais vezes, é cada vez maior. (CRARY, 2014)

Produtividade, ansiedade e fracasso

Na passagem da sociedade disciplinar para a sociedade da produtividade, o indivíduo assume para si toda a responsabilidade por seu sucesso, como um ser autônomo, impõe a si mesmo, livremente, um assujeitamento a tudo aquilo que considera como sua obrigação. Ao criar para si uma meta, considera que deve cumpri-la, vencendo até o cansaço. (HAN, 2012)

A submissão a essas condições se torna irresistível pelo temor ao fracasso social e profissional que sua não adoção pode causar, além do medo de ficar para trás. A personagem da *coach*, diante de seu dilema, acredita poder tirar o atraso e estudar tudo sobre redes sociais, por vezes se sentindo inútil e ultrapassada para desempenhar algumas tarefas.

A palavra poder possui diferentes significados se traduzida para o alemão. O poder na sociedade disciplinar corresponde a *dürfen*, que significa a pessoa poder fazer algo porque lhe é permitido ou devido. Na sociedade da produtividade, o poder se

traduz por *können*, que significa ser capaz de fazer algo. A iniciativa e a motivação substituem a proibição, o mandato e a lei. Convém destacar que a supressão de um domínio externo não pressupõe liberdade. (HAN, 2012)

O sujeito da produtividade é mais rápido e mais produtivo que o da obediência. Mas o poder não anula o dever. O sujeito da produtividade segue disciplinado. Ele já passou pela fase disciplinária. E assim se eleva o nível de produtividade sem se dar nenhuma ruptura entre dever e poder, mas uma continuidade. (HAN, 2012, p. 28)

Para alcançar o sucesso há o dever e o direito de ser empreendedor, mas aquele que não é capaz de cumprir sua tarefa torna-se um fracassado.

Byung-Chul Han considera que as doenças da nossa sociedade são as neuronais, tais como o estresse, a fadiga, os TOCs, as síndromes, os distúrbios de personalidade e a depressão. Acredita que o que adoce não é o excesso de responsabilidade e iniciativa, mas o imperativo do rendimento.

Quando Drica e Dani resolvem sair do canal, tudo parece ruir para Tori. Ela se sente fracassada e incapaz frente à estagnação do canal e à desmotivação das meninas. Deprimida, acredita que não pode postar fotos suas daquele momento, pois ainda tem a obrigação de manter uma imagem heróica e vitoriosa, de uma empreendedora de sucesso. Tudo o que ela não se sente, por isso recorre a fotos antigas. No entanto, postá-las naquele momento cria um *gap* entre o que apresenta e o que sente.

Sua obrigação de sucesso não cumprida vem acompanhada de uma crise de identidade maior. Ela se sente uma fraude, por não estar se comunicando de um modo que esteja de acordo com seus sentimentos. Não está sendo autêntica.

Postando as fotos que lhe são esperadas, ela cumpre com a máscara social que estabeleceu com seu público e colaboradores. Na mesma cena, percebe-se que seu amigo também *youtuber*, Douglas, não achou que Tori não estava sendo verdadeira ao postar fotos confiantes e alegres. O conceito de sinceridade está atrelado ao olhar do outro.

As imagens postadas caberiam na representação que se pode ter de Tori, por isso o problema é mais de autenticidade do que sinceridade. Quando uma pessoa se sente insegura, há uma discrepância entre o que se diz ser e o que se sente ser. Essa representação acaba assim por não ser autêntica, porém não será vista como não sendo sincera pelos outros. (TRILLING, 2014)

Não seria mais fácil ela simplesmente não postar?

Ela não teria como não postar, isso seria sublinhar que algo está errado. Se há uma pressão social por visibilidade por todos os que querem fazer parte da sociedade, se espera que um *youtuber* ou *instagramer* seja ainda mais exibicionista do que as pessoas comuns. Impõe-se uma exposição de si contínua, que parece por fim à intimidade.

O visível é o que é percebido pelos sentidos que, no entanto, não garantem nada de realidade. A imagem é real? Manipulada? Esse é o paradoxo da imagem: acreditar que há lá uma realidade. É um imaginário visto como realidade. (BARUS-MICHEL, 2013) Na conversa entre Douglas e Tori ele a repreende por estar postando as fotos antigas como atuais, mas não a recrimina se ela postar uma foto atual tratando-a com o aplicativo *facetune*, que é capaz de mudar bastante uma foto, tirando espinhas, clareando dentes ou “emagrecendo”. A sociedade não tem problemas com a apresentação de um simulacro do real.

Os suportes de identificação são as aparências ideais de *top models* e estrelas, corpos dos sonhos oferecidos à contemplação nas revistas (BARUS-MICHEL, 2013). Assim, não se estranha que alguém use artifícios para tal, inclusive porque as próprias revistas também manipulam as imagens.

Em direção oposta, camuflar o que se sente parece um crime maior. O mundo se converteu em uma terapia espetáculo, espera-se que as pessoas exponham seus problemas pessoais. (BARUS-MICHEL, 2013)

A condição do homem passa a ser a transparência. Ele é privado em substância, mas ao mesmo tempo obrigado a ser inteiramente visível. (HAROCHE, 2013)

Nessa obrigação de postar e de buscar visibilidade, a pessoa se torna uma personagem, como diz Douglas em cena, sob o risco de que, ao olhar o espetáculo que apresenta de si, tome a si mesma pelo que colocou na tela. (BARUS-MICHEL, 2013) E, ao sentir algo diferente do que se apresenta, considere em desacordo com o personagem criado e, conseqüentemente, uma falha de seu ser por não corresponder à construção de si.

A intimidade quando a tela é um espelho para ver o mundo

Jacqueline Barus-Michel descreve a tela como um espelho mágico para o qual podemos pedir para ver o que acontece, a qualquer momento, em qualquer canto do planeta como *voyeurs*. (BARUS-MICHEL, 2013)

A outra moeda do exibicionismo é o *voyeurismo*. A identidade se constrói na relação com o outro. Quando essa plataforma de interação é a tela, invariavelmente a construção de identidade acaba estando intimamente ligada às aparências.

A partir das novas tecnologias da imagem, temos acesso a todo instante à existência do outro, o que nos estimula, como forma de nos definirmos e sermos reconhecidos, a também nos tornarmos visíveis aos outros. (AUBERT, HAROCHE, 2013)

Antes a imagem era subalterna ao discurso. Hoje o registro da imagem se impõe de modo soberano, ficando o discurso em segundo plano. (BIRMAN, 2013)

McLuhan observou, por um longo período, que “quando a relação com os sentidos muda, os homens mudam”. Essas relações com os sentidos se alteram quando um dos sentidos ou funções do corpo é exteriorizado em uma forma tecnológica. (MCLUHAN apud HAROCHE, 2013)

Nem é mais pelo corpo que os indivíduos são percebidos, e sim pelo corpo na tela. A onipresença das telas colocou a visibilidade no centro do processo de produção e consumo em nosso tempo. A ponto da visibilidade de si, ser uma imposição ao indivíduo. (HAROCHE, 2013)

Elias remonta a Rousseau o sentimento de existência como um derivado do olhar, ao qual remeteu à concepção de integridade do indivíduo, do sujeito, da autoestima e da dignidade. (HAROCHE, 2013)

O indivíduo deve se mostrar, se não se exhibir, para existir o máximo possível. Esse excesso de visibilidade perturba o processo de formação do sujeito. Desloca as fronteiras entre interior e exterior de cada indivíduo. “Perceber” e “olhar” corresponde ao trabalho de “ver” e “processar o visto”. Haroche considera que já não há mais o tempo de processar, porque o indivíduo precisa ver muito e ainda se mostrar o máximo possível, tanto por motivos pessoais quanto profissionais. (HAROCHE, 2013)

A autora considera que o princípio da separação entre privado, íntimo e público, definidos por Elias, não pode perdurar de maneira nítida nas sociedades contemporâneas, onde tudo se mistura. (HAROCHE, 2013)

Rosália Wiconur indaga sobre o que acontece com a intimidade dos jovens nos dias de hoje e conclui que se reconhece a necessidade de se mostrar nas redes, mas que eles não consideram que isso signifique violar sua intimidade. A intimidade reside no que é considerado um segredo, naquilo que a pessoa sente vergonha em revelar, seja um

pensamento ou um acontecimento. É algo que está ligado mais ao universo de seus parceiros, quartos, corpos e pensamentos. E, de acordo com o momento de vida, algo que era considerado privado pode ser considerado público e vice-versa. (WINOCUR, 2011)

Na cena em que Tori conversa com seu amigo *youtuber* Douglas, ele faz uma brincadeira entre as caras que pode deixar públicas e aquelas que deixaria privadas, fazendo caretas diversas enquanto tenta animá-la.

Na contramão do século XIX, em que era preciso ocultar a intimidade e não revelar as emoções, hoje há uma exigência de visibilidade. Com o crescimento das cidades, que obrigou a convivência com desconhecidos, as pessoas tentaram criar em seus lares um ambiente protegido ao olhar do outro. Isso era possível, uma vez que a família deixou de ser a unidade produtiva, separando o lar do trabalho. No século XXI, ainda que siga havendo um medo dos estranhos, o imperativo de visibilidade é tal que supera o receio de se tornar visível. Já nos acostumamos ao *voyeurismo*, uma vez que sem ele também não há visibilidade.

Wiconur lembra que as fronteiras entre o privado e o público já eram porosas antes da *internet* e da explosão de *gadgets* com a onipresença das TVs, trazendo o público para dentro de casa. Público e privado não devem ser pensados como domínios autônomos, mas como espaços simbólicos mutuamente implicados em constante interação e interseção. (WINOCUR, 2011) (ARFUCH apud WINOCUR, 2011) A autora fala do público chegando dentro da nossa casa, mas pouco sobre o privado “saindo”. O quarto de um *youtuber* pode ser mais público do que lugares tidos como tal, ao se tornar cenário de seus vídeos.

É possível existir a intimidade pública e a intimidade privada. A pessoa pode se exhibir tendo como material a própria intimidade (real ou simulada). Essa exibição de intimidade não é um ato espontâneo quando já se produz para o olhar do outro, mas sim uma performance que tem como objetivo chamar a atenção de seu público. (WINOCUR, 2011)

Nessa sociedade de exibição e *voyeurismo* é estranho que alguém não deixe rastros pela rede. Quando Tori desconfia que Lucy talvez não entenda tanto sobre redes sociais, sua primeira medida é fazer uma pesquisa a fundo na *internet* sobre ela. A falta de presença digital revela muito sobre o caso.

Buscando escapar ao imperativo de visibilidade

Para existir aos olhos dos outros é preciso ser visto por imagens, oferecendo constantemente imagens de si. Essa obrigação de visibilidade conduz à proibição completa de invisibilidade. (HAROCHE, 2013)

... O silêncio é hoje tido como equivalente à invisibilidade, ela também (...) tida como inexistente, inútil. Poder-se-ia concluir daí que o invisível encobriu a palavra e a escuta. (HAROCHE, 2013, p. 105)

Diante da obrigação de falar e da proibição de se calar, o silêncio é considerado uma patologia, refletindo medo, rigidez, incompetência ou incapacidade de se adaptar. (HAROCHE, 2013)

Haroche distingue a invisibilidade desejada da obrigada, que pode suscitar um sentimento de inexistência para a pessoa. A invisibilidade das massa pobres não é escolhida, o indivíduo está em uma massa indiferenciada. A invisibilidade desejada se relaciona com a discrição, o pudor ou a necessidade de subtrair uma parte de si do olhar do outro. (HAROCHE, 2013)

Dani busca se preservar dessa visibilidade intrusiva e imperativa. Acredita que talvez precise se resguardar um pouco, para não se perder nas interações sociais e garantir a sua liberdade. Busca uma dimensão contemplativa para sua vida como algo que contribuirá para torná-la ativa de uma maneira mais consciente. (HAN, 2012)

Há uma cena em que Dani, que busca a desconexão, se contrapõe a Tori, a mais conectada do grupo, dizendo que se sente cansada das redes sociais e da necessidade desenfreada de produtividade.

Ela irá realizar um *detox* tecnológico, a fim de se desligar um pouco para encontrar o tempo que respeita as necessidades humanas. Assim, se aventura em um retiro para uma ecovila. Segundo Byung-Chul Han, quando você não está satisfeito com o que vê no mundo pode tentar mudá-lo ou tentar escapar dele. Dani escolheu tentar a segunda opção. (HAN, 2012)

Ela é a aventureira do grupo. Está aberta a experimentação de diferentes trabalhos, a se relacionar com perfis de pessoas que não tenham nada em comum, e até mesmo frequentar distintas religiões. Escolhe de cada uma o que mais lhe agrada, não querendo se deixar envolver por rótulos. No entanto, ela é muito mais dependente do conforto e das tecnologias que ela mesmo imagina.

O aventureiro busca escapar da banalidade da vida cotidiana. Ele tenta recusar o mundo, ainda que momentaneamente, querendo se elevar acima da condição humana comum. (HAN, 2012)

... o herói trágico se opõe, ponto a ponto, ao herói popular que é a vedete esportiva. Destino, autenticidade, desprendimento do mundo para se alcançar uma transcendência, e elitismo, caracterizam o primeiro; carreira, popularidade, mergulho no mundo e modelo de massa designam o segundo. (HAN, 2012, p. 30)

Dani aspira a esse herói trágico, mas o desprendimento do mundo será para ela um grande desafio. O herói popular poderia aqui ser representado por Drica e Tori, por sua busca incansável por produtividade, sendo que a primeira tem grandes dificuldades para se adaptar às mudanças, necessitando de um ambiente como o das competições esportivas, em que o progresso pode se dar em situações estáveis. De modo contrário, Dani não tem problema com instabilidade e aventura, mas não consegue seguir o método e a disciplina que o esporte exige. (HAN, 2012)

Quando Tori escuta Dani dizer que ela quer se libertar um pouco das redes, sair, se preocupa, considerando que a amiga ficará à parte da sociedade, que ela se tornará um ser inexistente, invisível. E, ao saber que ela está cansada desse mundo, dramatiza em excesso chegando a imaginar que ela pode estar deprimida e, por conta da forte relação hoje traçada entre depressão e suicídio, chega a temer por isso.

A visibilidade é vista como sinônimo de legitimidade e utilidade. A frequência tem valor. A invisibilidade é tida como inútil e insignificante, um ato de inexistência. (HAROCHE, 2013)

Dani, na verdade, só busca resistir ao sistema de visibilidade impositiva, mas essa resistência põe em risco a sua permanência no canal, que é um espaço que, mais que qualquer outro, exige para seu sucesso uma grande visibilidade.

Conclusão

O mundo instável e perene coloca os indivíduos em um estado de ansiedade por produção e visibilidade, tendo em vista a necessidade de alcançar o sucesso por si próprio, a partir de sua capacidade de produção e provar sua existência, a partir da imagem.

Longe do olhar, uma pessoa estaria condenada à inexistência ou insignificância. Exibir-se e praticar o *voyeurismo* fazem parte de um mesmo jogo, sendo aceitos no mundo *online*, pois garantem a condição de visibilidade.

Existem movimentos que tentam escapar a esse sistema de visibilidade, mas o mundo se moldou de tal forma a partir das telas, que este é um grande desafio: continuar a viver sem ter uma forte presença digital.

A bibliografia estudada contribuiu para a lapidação das características das personagens e para amplificar seus conflitos. Se o objetivo da série é representar o recorte de mundo em que vivemos, é imprescindível termos acesso aos textos críticos referentes ao nosso sistema. Dessa forma, a série pode, além de entreter, minimamente contribuir para a reflexão.

REFERÊNCIAS

AUBERT, Nicole e HAROCHE, Claudine. Ser visível para existir: a Injunção da visibilidade. In: AUBERT, Nicole e HAROCHE, Claudine (orgs.) **Tirantias da visibilidade. O visível e o invisível nas sociedades contemporâneas**. São Paulo: FAP-UNIFESP, 2013.

BARUS-MICHEL, Jacqueline. Uma sociedade nas telas. In: AUBERT, Nicole e HAROCHE, Claudine (orgs.) **Tirantias da visibilidade. O visível e o invisível nas sociedades contemporâneas**. São Paulo: FAP-UNIFESP, 2013.

BIRMAN, Joel. Sou visto, logo existo: a visibilidade em questão. In: AUBERT, Nicole e HAROCHE, Claudine (orgs.) **Tirantias da visibilidade. O visível e o invisível nas sociedades contemporâneas**. São Paulo: FAP-UNIFESP, 2013.

CRARY, Jonathan. **24/7: capitalismo tardio e os fins do sono**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

DRIESSENS, Olivier. A celebritização da sociedade e da cultura: entendendo a dinâmica estrutural da cultura da celebridade. In: **Ciberlegenda**. Londres: LSE Research Online, 2015.

EHRENBERG, Alain. **O culto da Performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa**. Aparecida, São Paulo: Ideias & Letras, 2010.

HAN, Byung-Chul. **La sociedad del cansancio**. Barcelona: Herder Editorial, 2012.

HAROCHE, Claudine. A invisibilidade proibida. In: AUBERT, Nicole e HAROCHE, Claudine (orgs.) **Tirantias da visibilidade. O visível e o invisível nas sociedades contemporâneas**. São Paulo:FAP-UNIFESP, 2013.

TRILLING, Lionel. **Sinceridade e Autenticidade: A vida em sociedade e a afirmação do eu.** São Paulo: É Realizações Editora, 2014.

WINOCUR, Rosália. O lugar da intimidade nas práticas de sociabilidade dos jovens. In: **Matrizes.** São Paulo: 2011. Ano 4, nº 1.